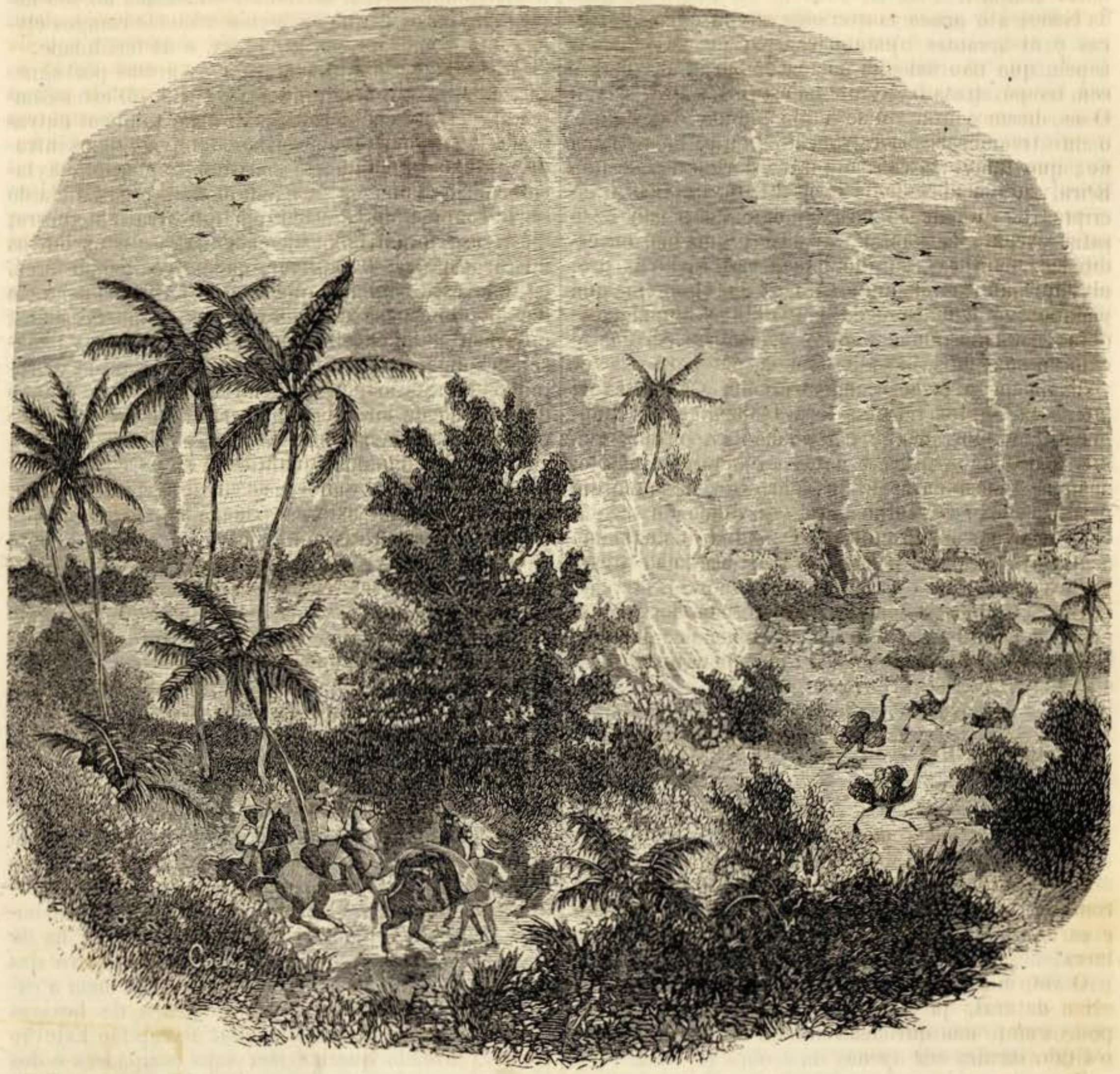


Uma queimada no Brasil

Da *Flora Brasiliensis*, que actualmente estão publicando os naturalistas allemães, de quem já fallámos a pag. 133, tirámos a vista da queimada de um campo no Brasil que a nossa estampa representa.

O Brasil fórma um como triangulo immenso, cuja superficie é calculada por alguns geographos em 380 a 400 mil legoas quadradas. Augusto de Saint-Hilaire, que detidamente estudou este bello paiz, foi quem mais insistiu e escreveu sobre a prodigiosa variedade da disposição dos seus terrenos, das condições climatologicas de tão vasto imperio, e por consequencia da differença das suas producções.

É com effeito diversissimo o aspecto e natureza das paizagens do Brasil. Na serie de montanhas pittorescas, como as da Serra do Mar, nas virentes collinas, como as que se admiram no Rio de Janeiro, nos mattos de talhar, nas florestas virgens, e nas vastas planicies a que os naturaes dão o nome de campos, como se poderá achar uma lei geral que se applique a todo o paiz? Nenhuma analogia ha entre o Rio Grande do Sul e a nova provincia do Rio Negro, cuja maior parte se compõe de uma vastissima floresta.

Os chamados campos dão excellentes pastagens. Quasi todas estas planicies, cuja extensão cança a vista, offerecem de espaço a espaço grupos de arvoredo, que dão abrigo e sombra ao gado. Durante os ardores do estio, no mez de janeiro por exemplo, o viajante é muitas vezes accommettido por nuvens de chammas e fumo, que se propagam com incrivel rapidez pela área dos campos.

Nem sempre estes incendios são casuaes; queimam-se as pastagens no Brasil como de proposito se lança fogo ás florestas; porque o fogo é um meio vantajoso que se emprega na agricultura brasileira, mas de que muitas vezes se abusa. As cinzas vegetaes, em certas provincias, são um adubio mais custoso do que se pensa.

Os campos por excellencia (e este nome dá-se no Brasil a mais de vinte regiões) são os que habitam a terrivel nação dos guaytacazes. Fertilisa-os o rio Parahiba. Estes indios tinham bem conhecido a natureza especial do solo que pisavam, porque na sua lingua chamaram a este paiz «Guaytomopi», que quer dizer «campos deliciosos». Estas planicies tão bem cultivadas em certas paragens, são intermeadas

de lagos de agua doce, de lagoas e paúes; por isso a vegetação alli é realmente admiravel.

No tempo d'el-rei D. João III foi Pedro de Goes da Silveira o primeiro que obteve concessão de terras para arrotear n'esta paragem; mas os colonos a principio tiveram que sustentar porfiosas guerras com os selvagens habitantes d'este solo fertilissimo. O seu nome conservou-se na denominação geral que o dá a conhecer aos estrangeiros, e se lhes chama «campos guaytacazes», um dos mais ricos paizes do Brasil; a sua florescente capital dista uns 240 kilometros do Rio de Janeiro. Nada falta n'este bello paiz, excepto mattas. Para fazer pastagens, ou estabelecer culturas, se queimou a matta que existia, mas que nunca foi abundante. É por isso que um viajante notavel escreveu em 1833: «aquelle que plantar um bosque nos campos, haverá bem merecido da sua patria».

Tambem se fazem campos artificiaes no Brasil; por exemplo, em Minas Geraes e em Goyaz queimam-se as florestas, e em pouco tempo renascem selvas de menor altura, que se queimam novamente; das suas cinzas nascem fetos e arbustos, que em fim produzem uma graminea que serve de pastagem. Não recorrem os agricultores a nenhum instrumento aratorio; de enxada nem de charrua hão mister, basta-lhes o fogo, para arrotear, e a cinza para estercar.

D'estes famosos campos guaytacazes escreveram muitos auctores portuguezes, nos tempos coloniaes, e alguns brasileiros depois da independencia do Brasil. Mas os (aliás mui sabios) naturalistas allemães, auctores da nova *Flora Brasiliensis*, apenas citam o francez Saint-Hilaire.

É fado este que já não esperâmos ver quebrado em nossos dias.

Para supprirmos a teimosa omissão dos estranhos a nosso respeito, faremos aqui lembrança do que por alto diz, a respeito dos guaytacazes, o estudioso e classico fr. Agostinho de Santa Maria, que para a composição de uma obra já hoje não vulgar, o «Sanctuario Marianno» (10 tomos in-4), recolheu das auctoridades de todo o Brasil, no principio do seculo passado, muitas noticias de historia ecclesiastica, civil e natural, que se não acham n'outra parte. E poucos as procuram n'esta valiosa collecção, porque o titulo inculca ser apenas uma obra mystica.

Correm egual sorte muitos outros livros antigos, pela mesma razão do titulo e assumpto principal serem sacros. Felizmente, esta ignorancia bibliographica que padecem não só os escriptores estrangeiros, porém muitos dos nacionaes contemporaneos, não achará desculpa depois de publicado o admiravel *Diccionario* do nosso consocio academico Innocencio F. da Silva. Esta obra de porfiado e escrupuloso estudo váe já no quarto volume, e por elles se vê, que não é apenas um catalogo de livros, como quasi todas os seus similhantes, mas um diccionario analytico, onde com boa critica, e grande conhecimento da livraria portugueza, se dá conta do merito e conteúdo das obras que alli se vão consignando, por ordem alphabetica dos auctores.

Ouçamos, porém, o que diz o nosso fr. Agostinho de Santa Maria.

«Deixada a cidade de Cabo Frio, e fazendo caminho pela costa para o norte, espaço de trinta legoas, todo este districto chamâmos «campos guaytacazes», ainda que estes ficam quinze legoas distantes da capitania do Espirito Santo, para o sul, até ao cabo de S. Thomé.

Era esta uma grande porção de terra senhoreada de tres nações de indios, gente selvagem, os quaes convinham todos em genero, *gaytacomopi*, *gaytacagnaçú*, e *gaytacajacóritó*, que andavam em continuas guerras, e se comiam uns aos outros, com mais vontade que as feras do matto quando se caçam, as mais fracas pelas mais fortes. Habitavam estas nações umas campinas mui dilatadas, chamadas no seu nome guaytacazes, que se deviam chamar campos elysios, na formosura, na grandeza, e na fertilidade.

A estes gentios afugentaram as armas portuguezas, e assim se retiraram para o sertão. D'estes campos para o mesmo sertão habitavam tambem outras castas de innumeraveis gentios, tapuyas, todos intrataveis. Porém pela parte maritima, o gentio guaytacaz com os tamoyos da banda do sul, e da banda do norte com os toboyaras e tupinaquis, traziam guerra; d'estes se foram domesticando alguns, e os outros buscaram terras para viver, onde vivem como feras.

Todo este caminho que vae de Cabo Frio para o norte, por espaço de trinta legoas, como dissemos, é de mattas de excellentes madeiras, e de praias desertas, onde se separam rios muito caudalosos e profundos, que vão desaguar no Oceano. Por todo o decurso d'este largo caminho não falta divertimento para os que levam armas de fogo, porque acham, em certos mezes do anno, quantidade de porcos do matto, patos de lagôa, marrecas de diversas castas, jacús, que são aves mui vistosas, papagaios de varias especies e côres, e outras muitas caças de pelle e de penna que servem aos passageiros de matalotagem. Porque sendo todo este caminho frequentado de gente, gados e boiadas que vão dos guaytacazes para o Rio de Janeiro, em todo elle não ha estalagens, nem casas onde se possa comprar o necessario para o sustento; e assim a espingarda é a que ministra o que hão de comer.»

N'outra parte, fallando d'estes mesmos guaytacazes, diz:

O capitão de cabo Frio, Estevão Gomes, fez tambem pazes com os indios guaytacazes, gentio alli visinho que nunca se tinha podido conquistar, ainda que para isso foi Miguel de Azevedo, sendo capitão do Espirito Santo, e outros do Rio de Janeiro, porque vivem em terras alagadiças, mais a modo de homens marinhos que terrestres; e quando se ha de chegar ás mãos com elles, mettem-se dentro das aguas, onde se não póde entrar nem a pé nem a cavallo. Mas por uma mortifera doença de bexigas que padeceram, se foram sujeitar ao capitão Estevão Gomes, dizendo queriam ser seus compadres e dos brancos, e commerciar com elles. D'esta sorte ficou aquella nova capitania de Cabo Frio pacifica, e foi isto pelos annos de 1615. Não é aquella povoação de poucos interesses, *mas os portuguezes só sabem conquistar e não povoar.*»

SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

(Vid. pag. 185)

A MENINA DE VAL-DE-MIL

XI

EM QUE SE DÁ CONTA DO QUE MAIS SE PASSOU ENTRE AS DUAS PRIMAS

Estavam ao fim do jantar na residencia do desembargador. Eram os convivas d'este, além das senhoras da casa, um alto magistrado, recentemente nomeado membro da junta provisoria da contribuição de guerra, o escrivão do senado, e um peralta, já entrado em annos, a quem unicamente se conhecia a occupação de escudeiro servente das damas, procurador officioso de miudezas, e commensal obrigado de todas as mesas elegantes.

A singularidade do officio pede uma descripção particular do personagem.

Era elle filho segundo d'uma casa titular, muito acceito em toda a parte pelo seu nascimento, e ain-

da mais pela sua obsequiosidade. Estava em dia com todas as partidas, andava corrente em todas as novidades, e era de todos os conciliabulos femininos. Posto que as mulheres sempre o saudassem com alvoroço, os homens viam-n'o sempre sem desconfiança. Sabía de cór as anecdotas do *Correio das Modas*, e das alterações publicas só lhe davam cuidado as dos figurinos.

Fôra nos seus tempos o heroe do minuete da corte, conservava saudosas recordações dos passados triumphos choreographicos, e folgava de illustrar os novatos com os seus preciosos conselhos, juntando frequentemente á explicação o exemplo, para ostentar, na intimidade, o resto das graças que um rheumatismo obstinado ás vezes deixava indiscretamente no meio, privando-o de brilhar ainda em publico.

Com penar tal achaque, vsstia no requinte. Casaca de lemiste verde, botões de metal branco, e gola mediana de veludo preto; collete de fustão branco, aberto ao meio para deixar ver a camisa de finissima cambraia em pregas miudas; lenço branco e alto bem enrolado no pescoço; calções côr de laranja desmaiada, que era o ultimo tom, e sapatos de fivella.

A composição d'este todo, a que se chamava então «vestido de assembléa», custára ao fidalgo taful cogitações aturadas para sair no rigor da pragmatica e das innovações, coisas difficeis de conciliar. Ficára todavia pago dos seus desvelos com um comprimento a tempo da mulher do desembargador, que lhe conhecia o fraco.

O Adonis maduro fôra n'esse dia recebido na calçada do Salitre com superior agrado: era portador de um convite extremamente cubiçado.

O capitão de mar e guerra Magendie, commandante da marinha, nomeado por Junot, dava na manhã seguinte [1] um almoço ao general em chefe a bordo da nau *Vasco da Gama* [2].

[1] 12 de março de 1808. Historico.

[2] Por haver hoje uma nau do mesmo nome, ha poucos annos construida, não vão concluir os critiqueiros que se caiu aqui em anachronismo. Salvo seja! Assim como ha mais Marias na terra, houve tambem mais Vascos da Gama no mar. Era natural. Podia lá ter andado esquecido o glorioso cognomento que estava de continuo lembrando o nosso primeiro almirante! Nem faltavam n'aquelle tempo vasos de guerra para receber todas as denominações venerandas. Apesar da decadencia, as forças maritimas do reino eram ainda tão consideraveis, que tinham deixado no porto de Lisboa, em geral por falta de guarnição, os navios que no texto se mencionam, afóra as embarcações destacadas nas estações, depois de haver saido para o Rio a familia real com a esquadra, que era uma esquadra. Compunha-se esta de quatorze vélas, de primeira ordem para a epocha: oito naus, tres fragatas, tres brigues e uma charrua. Já lá vão essas memorias, com serem recentes. Talvez o leitor tenha curiosidade de avival-as. Vem, pois, a ponto mencionar as particularidades mais essenciaes e authenticas, isto é, os nomes dos navios, a força d'elles, o os seus commandantes. Quem sabe se d'aqui a pouco existirão sequer estes vestigios? Eram as naus a *Principe Real*, de 84 peças, commandante Francisco José do Canto Castro e Mascarenhas; a *Rainha de Portugal*, de 74, commandante Francisco Manuel Souto-mayor; a *Medusa*, de 74, commandante Henrique da Fonseca de Sousa Prego; a *D. João de Castro*, de 74, commandante D. Manuel João Locio; a *Affonso de Albuquerque*, de 74, commandante Ignacio da Costa Quintella; a *Principe do Brasil*, de 74, commandante Francisco de Borja Salema Garção; a *Conde D. Henrique*, de 74, commandante José Maria d'Almeida; a *Martim de Freitas*, de 74, commandante D. Manuel de Menezes. Eram as fragatas a *Minerva*, de 44 peças, commandante Rodrigo José Ferreira Lobo; a *Golfinho*, de 40, commandante Luiz da Cunha Moreira; a *Urania*, de 40, commandante D. João Manuel. Eram os brigues o *Voador*, de 22 peças, commandante Francisco Maximiano de Souza; o *Lebre*, de 22, commandante Daniel Thompson; o *Vingança*, de 20, commandante Diogo Nicolau Keating. Era finalmente a charrua *Thetis*, commandante Paulo José Miguel de Brito. Ia por cabo superior d'esta armada o almirante Manuel da Cunha Souto-mayor. Constava a sua força de 800 canhões, e seis a sete mil marinheiros. Dos commandantes dos navios, 10 eram capitães de mar e guerra, 4 capitães de fragata, e 1 primeiro tenente. Levantando os olhos d'esta resenha ponha-os o leitor n'uma coisa bem actual e bem significativa, o quadro legal da nossa marinha de guerra. Achará o seguinte com a data fresquissima de 11 do corrente agosto: «Artigo 1.º: A força de mar, para o anno economico de 1860 para 1861, será fixada em 2,577 praças, distribuidas por 1 fragata, como transporte; 4 corvetas, sendo 3 a vapor; 1 cuter; 2 cahiques; 2 palhabotes; 5 vapores; e 1 barca transporte.» Estenda-se depois a vista pelo mappa, e calculem-se as legoas da costa d'esta facha de terra á beira do Oceano, os contornos dos tres archipelagos que possuimos, e os portos que nos restam n'um e n'outro lado de Africa, na India, no golfo persico e na China. Aproxime-se tudo e reconhecer-se-ha porque chegamos a esta penuria vergonhosa, que, involvendo-nos n'um circulo fatal, nos empobrece cada vez mais. Se ao menos a comparação servisse de estimulo!

Annunciavam-se maravilhas d'este festejo. Sabia-se que se havia dado ordem para virem da barra, onde estavam ancoradas de guarda aos inglezes, as fragatas *Carlota* e *Beijamin*, o brigue *Gaivota*, e a escuna *Curiosa*, que, tendo-se feito de véla com a armada real, fôra obrigada a arribar, por não poder com o tempo grosso que fazia fóra, vindo a cair nas mãos dos francezes.

Estes vasos tinham sido reunidos para servirem como de cortejo á nau, e salvarem ás saudes, ficando apenas de observação entre torres a fragata *Graça Phenix*, com mais dois navios de alto bordo, artilhados, mas incapazes de navegar, e, fundeadas em Belem, tres charruas para fazerem transmittir qualquer aviso.

Queria assim o capitão Magendie fazer tambem uma especie de parada naval, para inculcar aos habitantes de Lisboa como teria modos de por sua parte se oppôr a qualquer tentativa séria dos inglezes. Por estes chamavam anciosamente os votos da cidade, como se via dos ajuntamentos que todas as tardes povoavam as eminencias d'onde se avistava a terra e o mar alto.

A presença da esquadra russa, do almirante Siniavin, surta no Tejo, concorrendo para proteger os francezes, visto durar ainda a alliança dos dois imperadores, contribuiria tambem para o apparato e esplendor da solemnidade.

O almoço do commandante da marinha excitava pois, por varias maneiras, a curiosidade. Os officiaes russos que se dizia terem sido tambem convidados, e eram pouco conhecidos, tinham grande parte n'estes alvoroços.

Temêra D. Maria ficar esquecida, e recommendára particularmente a D. Jeronimo, o nosso fidalgo, que tivesse todo o cuidado em a lembrar no quartel general, onde estas coisas se tratavam, e onde elle tinha facil accesso. Tardava já á mulher do desembargador o suspirado convite, porque, não faltando projectos e prevenções de vestuarios, começava todavia a faltar o tempo para os preparos.

Póde, portanto, imaginar-se a entrada triumphal que faria o feliz enviado, noticiando o exito cabal da negociação!

D. Maria estava radiosa. Á sobremesa discorreu-se longamente, conjecturando e antegozando as magnificencias do dia immediato.

Depois do jantar, que era ainda ás horas portuguezas, isto é, cedo, os homens passaram ao escriptorio do desembargador.

Havia partida n'essa noite. Era preciso dar tempo ás senhoras para se vestirem.

Tanto incitava o contentamento a dona da casa, que uma hora depois apparecia já na sala. Não havia memoria de tamanha actividade nos enfeites, que eram complicados.

Tinha-a, porém, Ignez precedido, como quem menos carecia adereçar-se. Attentando bem, adivinhava-se na morgada certa curiosidade inquieta — um desejo mesclado de receio. Cumpria entretanto ser muito sagaz observador para o perceber, tão bem se recatava e precavia a donzella.

A roda dos intimos formou-se logo em torno de D. Maria, esperando a noite e reunião maior.

Apesar da inaudita celeridade com que se apromptára, estava ella realmente esplendida. Tinha dez annos menos. Como que se lhe derramava pelo semblante o jubilo interior. Nunca mostrára mais seducção nos modos, nem mais benignidade na voz.

Esta superabundancia de satisfação, que fazia instinctivamente lembrar a affabilidade felina, produzia em Ignez o effeito de uma sombra.

Quanto mais media a prima, mais se lhe escure-

cia o coração annuveando-lhe o rosto. Presentia o que quer que fosse.

O escrivão do senado, mythologo endurecido e árcade relapso, que por vezes infamára a prosa dos editaes e avisos com alguns epithalamios secretos e varias odes natalicias, chegou-se para o desembargador, com quem tinha confianças de antiga camaradagem, e disse-lhe ao ouvido:

— Mortal ditoso! a sr.ª D. Maria banha-se nas aguas da fonte de Juvencio, ou quer dar-nos uma amostra de Olympo tomando a figura de Hebe?

— O comprimento caía bem ao jantar... se tivesse em casa a Ambrosia — tornou-lhe o desembargador, como versado nos dialectos do tempo, apesar das Cujacianas e das Ordenações.

— Ao jantar e sempre, digo eu. Na verdade parece que os annos...

— Pelo amor de Deus não falle em annos a proposito de minha mulher. Não lh'o perdoava.

— Com effeito, — acudiu d'alli machinalmente o membro da junta de contribuição, que só percebêra a ultima palavra, e pensava que lhe fôra dirigida — com effeito, não se póde perdoar um real a ninguem: é judicioso o que diz.

Mastigada a phrase em tom sentencioso, o eminente magistrado, avaro d'ellas, tornou a encerrar-se na magestade do silencio solemne, que perpetuamente o adornava e lhe grangeára nome.

Em geral dava pouca attenção. Era uma d'estas nullidades apparatosas, que vivem absortas na ponderação da sua importancia, e na contemplação dos proprios meritos. Estas felizes creaturas julgam sinceramente impossivel pensarem, sentirem, ou dizerem os circunstantes coisa alheia ás suas augustas pessoas.

O desembargador inclinou-se urbanamente diante da interrupção boçal, costumado como estava a acatar todos os ridiculos influentes, e a dar pleno assentimento a todos os despropositos condecorados. Depois, encolhendo imperceptivelmente os hombros, continuou para o escrivão semi-vate, atando o fio ao dialogo, intempestivamente cortado:

— Se eu quizesse comprommettel-o, denunciava-o agora.

— Denunciava os extremos da minha admiração. As nymphas não tem edade.

— As nymphas não; as mulheres sim.

— Mulher!

— Que quer? Sou marido: não posso tel-a n'outra conta. Se o apertasse, concordava commigo.

— Era preciso fechar os olhos.

— Concordava. Senão, repare. Ha pouco chamou-lhe deusa, agora nympha. Já lhe deu baixa. Com pouco mais...

— Bem se diz que o hymeneu...

— O hymeneu tem na mão um facho: é para ver. Conheço bem minha mulher. Siga o meu conselho, se deseja conservar-se no seu valimento. Ponha-lhe aos pés a Castalia e o Pindo, querendo... bem que não é o forte d'ella... mas logo que a mythologia possa complicar-se com a chronologia, abstenha-se, meu amigo, abstenha-se: é prudente.

O sabor d'esta conversação travaria provavelmente ao paladar nacional, que então lhe não estava aindo affeito. N'elle, porém, se patenteava claramente como já por alli andavam os ares francezes, e como poucos dias haviam bastado para contaminar a austeridade antiga, fazendo respirar n'um ambiente novo os adeptos.

D. Maria dava uma attenção de complacencia aos galanteios innocentes e consuetudinarios do fidalgo. Posto não ouvir os dois, conhecêra com a subtil percepção feminina que fallavam d'ella.

Aproveitando a occasião para fazer do duplo colloquio uma palestra geral, disse-lhes:

— Aposto que não se atrevem a repetir em voz alta o que estavam ahi segredando.

— Por que não? — acudiu rindo o marido — Homens como nós, investidos em graves funcções, que hão de tratar senão coisas muito aborrecidas e muito tediosas para as damas?

— Nem sempre — tornou D. Maria com maliciosa provocação — Ha frequentes excepções. E era uma excepção agora.

O escrivão do senado acudiu desvanecido:

— Que v. s.ª (a excellencia ainda não era de uso commum) que v. s.ª tinha o attractivo das Graças e as prendas das musas, sabia eu já. Vejo, porém, que lhe não bastam, e quer tambem o dom das Sibyllas.

— Faz-me entrar em tantas irmandades! — replicou a mulher do desembargador — Como hei de servir em todas? Mas, vamos: lisonjas não são respostas. Sabem que mais? Suspeito-os réos de algum epigramma acerbo... o sr. doutor desembargador principalmente.

— Eu! atalhou este — Como se engana! Se sou réo, é só de uma apologia.

— Peior, muito peior. Não lhes dizia?

— Peior! Porque?

— Em primeiro logar não tenho grande fé nas apologias conjugaes.

— Obrigado!

— Em segundo logar a apologia de um, quer dizer arguição de outro. Porque julgou preciso defender-me?

— Quem lhe diz que a apologia lhe dizia respeito?

— Os seus modos.

— Não é possivel occultar-lhe nada. Pois é verdade: defendia-a.

— Ah! então já sei quem foi o aggressor.

— Aggressor! — protestou o escrivão — Desculpe o meu amigo, mas não vejo sequer possibilidade de aggressão...

— N'um madrigal — atalhou o desembargador — vejo eu. Seja a senhora juiza...

— Tudo está no modo de entender as coisas — observou prudentemente o indiciado.

— Aggressões em madrigaes são muito possiveis, effectivamente — acudiu a perspicaz matrona — Agora mesmo estava eu sendo victima d'isso.

— E era o sr. D. Jeronimo o sacrificador?

— Pois quem!

— Nunca tal acreditára!

— Nem eu posso perceber como! — ponderou o fidalgo, entrando na conversação, chamado pela referencia directa que lhe fizera D. Maria.

— Como? retorquiu esta — Pois já se não lembra do que me dizia?

— Lembra. Que tinha? Dizia que, vendo-a entrar, estive tentado a applicar-lhe o que se conta do duque d'Alva na corte de Hespanha, quando as damas se occultaram por chegar el-rei.

— Ahi verá.

— E que se conta do duque d'Alva? — perguntou o desembargador.

— Como el-rei viesse distrahido, e sentisse o rumor sem perceber a causa, inquiriu de repente: «que é isto?» o duque, tomado de subito, tornou-lhe logo: «É Alva que diz ás Estrellas, que sáe o Sol, se escondam ellas.»

— Não ha mais conceituoso repente, na verdade — celebrou o escrivão, a quem davam sempre no fraco estes resaibos de gongorismo galante.

— Para a corte de Madrid, concedo — observou D. Maria.

— E por que não para v. s.ª? — ponderou D. Jeronimo?

— Porque me parece que não posso ser comparada a Filippe II, um rei, é verdade, mas em todo o

caso um homem, e um homem que não passava por muito amavel.

— No rei não se olha á pessoa, olha-se á magestade.

— E o mais?

— O mais!

— Porque havia de mandar tambem retirar as estrellas? Quer dizer com isso que faço fugir?...

— Que lembrança!

— Quer deixar-me n'um deserto?...

— De luz.

— Ainda que seja de luz. Julgava-o mais benevolo, D. Jeronimo.

Ignez escutava attentamente para aprender. O membro da junta de contribuição ouvia, mas não entendia. Nem precisava. Mal lhe chegava o tempo para se admirar.

Era o fidalgo veterano n'estes tiroteios, e, como se lá diz, ninguem o apanhava descalço no fogo cruzado dos galanteios insignificantes, quer ao divino, como se tinha usado recentemente, quer ao profano, como se começava a usar.

Acudiu, portanto, com presença de espirito ao reclamo travesso da dama.

— Não é para estranhar que exprimisse mal o meu assombro. Isso tem a admiração, que deixa os sen-



Estava sentada, em estudada attitude...

tidos suspensos, e nem se atina com o que se quer dizer. E a senhora D. Maria está hoje realmente admiravel. Ninguem veste com mais primor em Lisboa. O que não será amanhã! Os nossos amigos francezes hão de reconhecer que nem só lá no seu Paris se sabe o que é elegancia e bom gosto.

Não andava o fidalgo muito longe das intenções da garrida matrona. Diligenciára ella com effeito mostrar-se digna das efficazes sollicitações do seu embaixador, e com improvisada inspiração se empenhára em avantajar-se mais que de ordinario.

Não peccavam, pois, absolutamente contra a razão os encarecimentos dos seus admiradores. Aquelles suffragios, bem que repetidos e quotidianos, aprazíam-lhe, como prognosticos de outros esperados e mais appetecidos. Para estes se predispunha, ensaiando o effeito das suas graças, rejuvenescidas por uma idéa, que ainda occulta, lhe sorria ao espirito, e se lhe revelava na desusada desenvoltura.

Era d'isto que tremia a morgadinha.

Favorecia á frescura outoniça da artificiosa dama a luz baça do declinar da tarde, que as altas colgaduras da sala tornavam em meia sombra. Sabia ella tambem aproveitar tudo para se fazer valer.

Estava sentada, em estudada attitude, n'uma especie de banco romano, de encosto alto de um lado e raso do outro, ornado de talha dourada, e os pés figurando garras, movel modernissimo e raro, com que a presenteára o secretario da legação franceza, dois annos antes, quando o proprio general Junot estivera por embaixador em Portugal. Vestía um corpete, dos que então se denominavam *mimosos*, de veludo côr de carmim, com mangas curtas; na cintura curtissima, distinctivo caracteristico das modas do tempo, uma fita larga côr de rosa; sáia de meia cauda, de tafetá branco e barra de garça enfeitada de requifes, a sáia cingida ao corpo de fórma que lhe desenhava as fórmas, como recommendava o preceito; ao pescoço uma

cruz de diamantes, pendente de um triplice fio de perolas; penteado em anneis irregulares, e no alto da cabeça um ramo de flores, ornato que estava em principio, e era por consequencia um primor de novidade; luvas de braço; finalmente, sapatos de setim de entrada abaixo, tambem côr de carmim.

É provavel que o retrato, escrupulosamente fiel, não excite hoje o enthusiasmo das minhas leitoras. É até natural que a crinoline ambiciosa proteste contra este cumulo de heresias. Mas era a moda, dou a minha palavra de romancista.

Ás cintas compridas e ás sáias tufadas, apesar de invasoras, concedo, sem hesitar, a palma da elegancia. Quanto a mim tem ellas direito de chamarem a este vestuario: extravagancia. Nada portanto lhes impugno; mas só lhes repito: era moda.

Pois não explica e absolve tudo esta palavra magica?

Imagine-se que a mais donairosa dama de agora apparecia ao pé d'uma casquilha d'aquella epocha. Por extravagancia teria essa tambem o que actualmente mais nos enleva, e se nos figura mais esbelto.

Não nos faz a nós mesmos rir o que pouco antes nos movia o appetite, e nos levava os olhos? Não é o invejado hontem ridiculo hoje, o modelo d'hoje caricatura amanhã? Instabilidades da moda. E se fosse só nos trajos!

Notára o desembargador o silencio, e a quasi tristeza de Ignez, e attribuira tudo ao pouco caso que d'ella pareciam fazer. Posto que estas homenagens maduras não tivessem grande novidade e attractivo para a donzella, a sua falta não deixava, com effeito, de a mortificar como privação de uma coisa necessaria. Todavia, não era esse, como se viu, o principal motivo da sua inquietação, pois que apprehensões mais fortes a preoccupavam.

O jurisconsulto, porém, que nem remotamente presumia a causa verdadeira, julgando fazer officio de bom parente, aproveitou caridosamente a opportunidade para dizer a sua mulher:

— A proposito. E a nossa Ignezinha? É preciso tratar tambem dos seus preparos.

— Com tal directora — acrescentou logo o fidalgo — a sr.ª D. Ignez não terá quem lhes dispute gentileza.

A morgada fitou anciosamente a prima. Era chegada a crise.

— Que diz! — respondeu D. Maria ao marido — Ignez não póde ir.

— Não pode ir! Porque?

— Não está nada prevenido.

— E porque não me preveniu? — atalhou a donzella, sem poder reprimir o primeiro movimento de despeito.

— Porque primeiro está a sua saude — tornou a reservada antagonista com uma inflexão tão maviosa, que até o marido estremeceu.

— A minha saude! — exclamou attonita a morgada, que não esperava similhante saída.

— A sua saude, certamente. As meninas, é sabido, nunca julgam necessaria a prudencia... principalmente em se tratando de funcções... Mas a nós toca prevenir e acautelar... Vejam, vejam aquellas faces desbotadas... Digam-me se são estas as côres com que nos chegou.

— Está um pouco mais desmaiada, está — ponderou o desembargador, que não sabia as intenções da esposa, mas que tinha por systema abundar sempre nas suas idéas.

— Um pouco mais! Está outra. É preciso mudar de vida. Havia de expôl-a assim ao ar do mar, sem estar costumada. Que não diria seu pae!

A morgada não respondeu palavra. Conhecia perfeitamente que seria inutil. Estes cuidados eram o equivalente de uma sentença condemnatoria, via-o bem; mas a apparencia de razão estava do lado adverso.

D. Maria, contemplando-a, saboreava a um tempo dois prazeres, a esperança de brilhar, e a certeza de brilhar sem competidora tanto de temer.

E ainda não conto o terceiro prazer, o maior, que exultava no sorriso meigo vibrado á victima — ó prazer da vingança satisfeita.

Ignez amargava a imprudente manifestação das suas pretenções.

Comprehendeu ella aquelle sorriso, e inclinou a cabeça com uma resignação... que promettia desfórra.

N'isto sentiu-se parar á porta uma carruagem. Pouco depois, o escudeiro chegou-se respeitosamente ao pé de D. Maria, e disse-lhe em voz submissa, mas de modo que todos ouviram:

— Sua ex.ª, o sr. Herman, pede licença para comprimentar os senhores.

Causou profunda sensação nos circunstantes este nome.

MENDES LEAL JUNIOR

DEVOÇÕES E LENDAS RELIGIOSAS

II

PROCISSÃO DO FERROLHO

(Vid. pag. 192)

Havia n'esta cidade um religioso da companhia de Jesus, por nome padre Ignacio Martins, [1] tido de todos, e reputado geralmente por santo, porque no seu modo de vida era um raro exemplo de virtudes, a cujo cargo estava o ensinar aos meninos e fieis christãos a doutrina catholica, no que era tão sollicito, que em nenhuma outra coisa mais trazia o cuidado, que n'esta obra meritoria para Deus; e assim como na vida foi reputado por santo, em sua morte muito mais, em tanto que, fallecendo na cidade de Coimbra, onde hoje está sepultado, foi acclamado por tal.

Era este padre mui particular devoto de Nossa Senhora da Penha de França, do reino de Castella, e comsigo trazia de ordinario imagens suas; como grande devoto da Santa Virgem, desejava que n'este reino e cidade houvesse casa de sua invocação; e assim tendo elle noticia, ou fosse por inspiração ou revelação divina, ou pela relação de pessoas que o tivessem alcançado do dito Antonio Simões (que elle lh'o não disse, como o affirma) tratou com elle sobre esta materia, e o exhortou com palavras a ella apropriadas, a que proseguisse tão excellente obra, e juntamente lhe persuadiu que a imagem que pertendia fazer, fosse da invocação da Penha de França, relatando-lhe, para o trazer e mover a seu intento, sua historia, e as muitas mercês que tinha feitas, e de continuo fazia á gente portugueza.

Foram bastantes as persuasões d'este padre, para que o dito Antonio Simões viesse n'aquillo que elle lhe dizia e pedia; e assim lhe prometteu, não só que faria a dita imagem da invocação da Penha de França, mas ainda de lhe fazer casa sua propria; e como o dito padre nenhuma outra coisa mais desejava, nem trazia no sentido, lhe agradeceu este bom proposito, e mostrou com historias e muitos exemplos, o quanto a Virgem Senhora Nossa sabia pagar com muita vantagem os serviços que seus devotos lhe faziam; e juntamente o applicou a que pozesse em effeito o que promettêra; no que resoluto o dito Antonio Simões, mandou fazer a oitava imagem com a invocação da Penha de França, a qual feita, por ainda não ter casa propria, a poz, como em deposito,

[1] É o auctor da celebre cartilha chamada do mestre Ignacio, que ainda hoje se reimprime!

na ermida de Nossa Senhora da Victoria, d'esta cidade, em companhia de outra de S. João Baptista, a que depois tambem fez casa propria, não se descuidando com isto de fazer a d'esta Senhora, como tinha promettido.

Feita a imagem com esta invocação da Penha de França, assim como antes deu cuidado ao dito Antonio Simões a invocação que havia de pôr á oitava imagem da Senhora, assim lh'o deu tambem o logar em que lhe havia de edificar a casa que lhe tinha promettida. Não o achava accommodado a seu intento, nem dentro na cidade, nem fóra d'ella, nos limites em que pretendia fazel-a; e andando assim pensativo e cuidadoso, succedeu que um Antonio Ferreira, doirador del-rei, o levou um dia a Valle de Cavallinhos, mostrar-lhe uma quinta sua, que alli tinha, para lh'a dar, contentando-se d'ella e do sitio. Não lhe contentou, e agradecendo a boa vontade ao dito Antonio Ferreira, se tornou Antonio Simões pelo valle acima, até ao logar em que agora está edificada a dita casa, que então se chamava Cabeça de Alperche. Posto no alto d'elle, virando-se para uma e outra parte, sentia no coração uma certa alteração, e na alma uma inquietação divina, incitadora uma e outra coisa de que procurasse fazer n'elle a casa que pretendia.

Picado d'estes santos motivos, e informado de que aquelle sitio era de Affonso de Torres de Magalhães, se foi ter com elle, levando comsigo a dita imagem de S. João Baptista; tratou com elle do que pretendia, e pedindo-lhe em resolução que lh'o quizesse dar para fazer a dita casa, elle disse a Lopo Seitil, e Pero de Seixas, e outros homens que presentes estavam, que era o que lhes parecia d'aquella pretenção? E elles lhe responderam, que lhe désse o sitio para a dita casa, e que, se se não fizesse ou não se acabasse, que ahi lhe ficava a sua terra. E então lhe respondeu elle, ao dito Antonio Simões, que se fosse muito embora, que elle e Balthasar de Faria, almotacel mór, e Balthasar de Sá, tinham determinado de fazer alli uma ermida á honra de Nossa Senhora, mas que se resolveria, e tornasse outro dia pela resposta.

Foi-se o dito Antonio Simões, e por ter occasião de tornar mais cedo, ou por inspiração divina, deixou a dita imagem de S. João Baptista em casa de Affonso de Torres, ou como em penhor e arrefens, de que dando-lhe elle aquelle sitio, a Senhora lh'o saberia bem gratificar. Succedeu, pois, que n'aquella mesma noite deu ao dito Affonso de Torres uma dor de colica mortal, de que era muito maltratado. Apertou-o infinito, e não havia remedio humano que aproveitasse; o que vendo D. Constança de Aguilar, sua mulher, recorreu ao divino, temendo o grande perigo em que seu marido estava, com muita afflicção e devoção se encommendou á Virgem da Penha de França, tomando-a por intercessora, para que seu unigenito Filho tivesse por bem de o livrar de tão grande mal, e do perigo em que estava, promettendo-lhe o logar de que se tratava para casa sua. Foi coisa maravilhosa, que feita a promessa, o dito Affonso de Torres se ergueu no mesmo instante são e salvo, como que se nunca tivera nada; e em amanhecendo o dia seguinte, mandou chamar o dito Antonio Simões, ao qual, chegando, lhe contou o caso, e com elle se foi escolher o sitio que lhe parecia mais accommodado para fazer a ermida, pedindo-lhe muito a não quizesse fazer senão defronte de suas casas, para sempre a ter diante de si, como em effeito se fez.

Este sitio parece que tinha a Senhora escolhido para a dita casa d'esta santa invocação; o que se alcança bem assim de ella só contentar ao dito Antonio Simões, e n'elle ter desejos ardentes de se fazer, como por o mesmo Affonso de Torres ter determinado de n'elle fazer casa a Nossa Senhora, como o declarou ao dito Antonio Simões, como pelo successo que lhe aconteceu; e tambem porque indo o padre Ignacio Martins por parte d'onde se via o sobredito sitio, disse para certos meninos com que ia fallando, como em prophecia (muitos tempos antes de n'elle se fazer a dita casa): «Vêdes vós aquelle monte? pois ainda se ha de fazer n'elle uma casa de Nossa Senhora»; como outrosim, porque o P. Monserrate, companheiro do dito P. Ignacio Martins, indo para a quinta que os padres tem em Valle de Cavallinhos, chegando ao logar onde agora está a primeira cruz, junto ás casas do dito Antonio Simões, disse a um homem velho, que com elle ia, que no dito monte se havia de fazer uma casa de Nossa Senhora muitos tempos antes que d'ella se tratasse.

Ajustados d'este modo, a 25 de março de 1597 se lançou a primeira pedra á fabrica da ermida, que modestamente se acabou em maio do anno seguinte, e para alli foi trasladada a imagem da senhora da Penha, com solemne procissão, que agenciou a industriosa devoção de Antonio Simões.

Na casa nova começou a ser mais buscada e visitada a Senhora; até que em 1599, sobrevindo o mal da peste, que dentro em poucos annos, por duas vezes, dizimára horrivelmente os moradores de Lisboa, temerosos de que se repetisse egual calamidade, buscaram o patrocinio da Senhora da Penha de França, primeiro os soldados que estavam de guarnição no castello de S. Jorge, os quaes, com suas companhias formadas, se foram offerecer a Nossa Senhora, sollicitando o seu valimento para que os defendesse do mal que já começava a picar na cidade, e a tinha mui sobresaltada.

A este tempo já tinham fugido os governadores do reino, por parte de Filippe IV. O presidente do senado da camara, que era D. Julianes da Costa, e os mais do governo da cidade, procuravam com remedios humanos atalhar o mal. Porém fiando mais na efficacia da intercessão da Senhora que dos antidotos que os medicos applicavam, resolveram invocar a piedade divina, tomando por medianeira a Senhora da Penha de França.

Juntos os vereadores em camara, com muita gente do povo, fizeram o voto constante do seguinte

Assento que se fez em Mesa de Vereação a 28 de janeiro de 1599, por causa da peste que assolou esta cidade de Lisboa

«Que a cidade faz voto a Nossa Senhora da Penha de França, de que lhe fará a sua capella com seu retabolo, e lhe dará um ornamento bem feito, como á cidade parecer; e que, tanto que ella for servida alcançar de seu bento Filho saude para esta cidade, lhe fará uma procissão, que sairá pela manhã muito cedo da nossa egreja e real casa de Santo Antonio, e na dita procissão se levará a sua imagem á dita casa, na qual irão o presidente, vereadores, e mais officiaes da mesa, e cidadãos que quizerem descalços, e todos levarão suas varas n'uma das mãos e cirios na outra, os quaes ficarão de esmola.

A mesa irá sem nada na cabeça, e na capella se porá uma divisa; e outrosim promette a cidade, que esta procissão se fará em cada um anno perpetuamente, no mesmo dia em que se fizer pela primeira vez; e no letreiro que se pozer na capella, se declarará tambem esta obrigação. E a ir a cidade descalça promette só por esta vez, porque os que vierem farão o que lhes parecer no ir descalços. E n'esta procissão irão o presidente e mais officiaes da mesa, confessados para na missa que se disser tomarem o Santissimo Sacramento, e até ao cabo d'ella estarão descalços. O presidente, *Henrique da Silva — Francisco Cardoso — Luiz Mendes — Domingos Fernan-*

des — Antonio Dias — Gaspar Antunes — Gaspar de Sequeira.»

«E o povo é contente de assignar na promessa que a cidade tem promettido para Nossa Senhora da Penha de França, no que toca á capella-mór, retabolo, e ornamento para se celebrarem os officios divinos, em o qual se poderá gastar *cinco ou seis mil cruzados sómente*, e mais não, com declaração, que no arco da capella-mór se fará saber como o povo deu esta esmola. — *Thomé Antunes — Antonio Dias Fialho — Gaspar de Sequeira — Antonio Dias — Pedro Soares — Bento Soares — Francisco Pereira Ferreira — Lucas Soares — Pedro Mendes — João Dias — Adrião Martins — Domingos Fernandes — Alvaro Gomes — Antonio da Costa.*

A primeira procissão se fez a 5 de agosto de 1599, dia de Nossa Senhora das Neves, e no mesmo dia se farão as mais d'aqui em diante. O Presidente, *Francisco Cardoso — Luiz Mendes — Gregorio de Moraes — Gaspar Antunes — Gaspar de Sequeira.*»

Este voto teve confirmação regia, porque dependia da approvação do soberano, poderem-se applicar os impostos municipaes para a edificação n'elle promettida. Escreveu a camara para Madrid, e de lá veiu a seguinte carta regia:

«Presidente amigo, vereadores, procuradores da cidade de Lisboa, e procuradores dos mesteres d'ella: Eu El-rei vos envio muito saudar. Recebi a vossa carta sobre o voto que fizestes a Nossa Senhora da Penha de França, cuja casa se vae fundando no contorno d'essa cidade, e pareceu-me muito bem tudo o que fizestes em serviço de Nossa Senhora, de que eu recebo particular contentamento, e hei por bem de o approvar, e dar a licença necessaria para os seis mil cruzados que no dito voto se hão de dispender, se tirarem por imposição do vinho e da carne, conforme ao que assentastes. Escripto em Madrid, a 9 de setembro de 1599. — Rei.»

Feito o voto em janeiro, quando já o contagio ia declinando, se tratou de lhe dar cumprimento, fazendo-se a procissão promettida no dia da Senhora das Neves, a 5 de agosto. Saiu a procissão da egreja de Santo Antonio da Sé, onde a camara tinha os seus paços, acompanhando-a muitas communidades de frades e a cleresia da cidade, todos descalços e resando a ladainha. O povo que concorreu á procissão foi innumeravel, não havendo caminho por onde se podesse romper (diz testimunha de vista), nem campo que não parecesse arraial: até pelas oliveiras e outras arvores, e pelos vallados subiu gente; e não obstante haver ainda muita peste, todos n'aquella occasião perderam o medo, fiados na Virgem, a quem se iam offerecer.

Houve missa e prégação, commungando os officiaes da camara, que para isso iam já confessados e em jejum.

Fez a camara o retabolo para a capella-mór, como tinha promettido. Mas pelo grande concurso de gente que a esta nova egreja vinha, principalmente todos os sabbados, pareceu a Antonio Simões que seria conveniente fazer-se entrega d'ella a alguns religiosos. Resolveu elle primeiro dal-a aos frades de S. Domingos, e para fim tratou com o prior do convento de Lisboa; mas dando conta do seu pensamento ao padre Ruy Mendes, este lhe aconselhou que a désse aos frades da Graça. D'isto se fizeram as escripturas para conservação do direito de ambas as partes.

No poder dos frades agostinhos esteve a egreja primitiva vinte e cinco annos, até que no de 1625, tendo augmentado por tal modo a devoção do povo para com a Senhora da Penha, que não havia já logar nas paredes onde se podesse pendurar nem uma moleta de aleijado, todas occupadas com paineis que representavam as mercês que a Senhora fazia, assentaram de edificar egreja nova e ampla, onde o povo se não afogasse e abafasse dentro, *como acontecia na ermida*. Pozeram os frades mãos á obra, tomando a cidade á sua conta a capella-mór, como tinha promettido, e a irmandade da Senhora da Penha muita parte do corpo da egreja, pulpito, portaes e grades, acudindo alguns devotos com suas esmolas para esta obra. Pondo-se mão a ella com estas ajudas, se levantou a nova egreja junto da ermida antiga, concluindo-se no referido anno de 1625, transferindo-se para ella a imagem da Senhora em solemne procissão, que acompanhou a camara da cidade, e percorreu toda Lisboa e arrabaldes, indo tambem o Santissimo Sacramento com muitos folgares e festas.

(Continúa)

MODELOS CLASSICOS

Não basta que o que houver de governar seja homem com alma; mas é necessario, que seja alma com homem. Se tiver alma e boa alma, não quererá fazer mal, mas se juntamente não tiver actividade e resolução, e talento de homem, não fará coisa boa. Deu-lhe Deus memoria, entendimento e vontade: a memoria, para que se lembre da sua obrigação: o entendimento, para que saiba o que ha de mandar: e a vontade para querer o que for melhor, e não homens de uma só potencia (que por isso fazem impotencias) e faltando-lhe a memoria, e o entendimento, só tem má vontade. Quem julga com o entendimento, póde julgar bem, e póde julgar mal: quem julga com a vontade, nunca póde julgar bem. A razão é muito clara. Porque quem julga com o entendimento, se entende mal, julga mal, se entende bem, julga bem. Porém quem julga com a vontade, ou queira mal ou queira bem, sempre julga mal: se quer mal, julga como apaixonado, se quer bem, julga como cego. Ou cegueira ou paixão, vêde como julgará a vontade com taes adjuntos.

ENIGMA



Explicação da charada do n. 23 — Catastrophe.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.